

MURALHA

RyR



REVISTA
DO
LÍCEU
DE
BARCELOS

MURALHA

REVISTA DO LICEU DE BARCELOS

Sala dos Professores

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

JUNHO DE 1972

N.º 3

Director: Vítor Manuel Silva (7.º ano)

Chefe de Redacção: Rodrigo Campos (7.º ano)

Redactores: J. António Pereira e Maria Dilara (7.º ano)
Rosa Maria Lima, Edgar e Lemos (6.º ano)
Manuela Arantes e Humberta (4.º ano)
Teresa Rodrigues (5.º ano)

Administração: Maria da Piedade, José Duarte, Carlos
Carvalho (7.º ano)
Tone Cunha e R. Maria Ribeiro (6.º ano)
Isabel Torres e Conceição Neiva (4.º ano)

Editor: Lino de Miranda (Professor)

Preço por número e exemplar — 12\$50

644.417
BIBLIOTEC.

**REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
LICEU DE BARCELOS**

||| **COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Companhia Editora do Minho — BARCELOS**

SUMÁRIO

Colaboraram neste número os professores do Liceu

DRS: — LINO DE MIRANDA — Editorial (A morte de Santos da Cunha)	3
— ANTÓNIO AUGUSTO GOMES AMORIM — Perspectivas Económicas e Sociais do Ensino	5
— MARIA JACINTA CRUZ PINTO — Fernão de Oliveira	11
— ANGELO AIRES — Paleontologia	13
— MARIA TERESA MONTEIRO — Aspectos Gerais da Vida e Obra de Joyce Cary	23

E os alunos

— MARIA DILORA ALVES — Evasão e Aventura.	25
— MANUELA ARANTES — Moda Masculina	26
— ROSA AUGUSTA — Castelo Rodrigo	27
— VÍTOR MANUEL SILVA — A Propósito De...	28
— ROSA AUGUSTA — Bom Dia	33
— MANUELA ARANTES — Sarah Bernhardt	34
— MARIA DA PIEDADE — Variações sobre um Velho Tema	36
— CUNHA — Balada	37
— FILIPE BANDEIRA — Tesoura	38
— VÍTOR MANUEL SILVA — Última página	40

● Capa de TERESA PEDRAS



Santos da Cunha

EDITORIAL

A personalidade do malogrado Governador-Civil Comendador Santos da Cunha marcou uma época para a cidade de Braga e para o seu distrito. Foi um bracarense, um minhoto, um português, mas sobretudo foi um Homem. Interessou-se por tudo quanto é humano, e poderia ter dito o verso famoso: Homo sum: humani nihil a me alienum puto.

Todo o distrito lhe deve um pedaço da sua atenção e da sua vida, gasta na alta missão de governar e de promover. Barcelos, o nosso Liceu e a nossa Revista lhe devem atenções particulares. Por isso aqui lhe prestamos esta última homenagem dedicando à sua memória este número da revista «Muralha».

Lino de Miranda



Têxtil Vale do Cávado

S. A. R. L.

Fábrica de Malhas Interiores e Exteriores

APARTADO 15

Telefone 82108

Altamente especializada em criação para a Juventude

BARCELOS

(Portugal)

Perspectivas económicas

e Sociais do ensino

Todo o cidadão consciente deve reflectir sobre a acção dos seus governantes. O alheamento sistemático do vulgo em relação ao complexo labor da máquina estadual faz lembrar uma assembleia enfastiada e sonolenta à volta de pouco convincente e monótono orador. É essa consciência de cidadão atento que me incita a escrever estas linhas.

Algo se passa presentemente nas esferas superiores da administração pública do País que a todo o português interessa e não é meu propósito pretender alertar assembleia sonolenta pois que ela parece estar bem desperta, tendo-se já agitado e, por vezes até, ruidosamente. Mas pareceu-me que nas considerações que até agora foram feitas se desprezaram ou, pelo menos, não foram abordados com a devida profundidade e frequência todos os aspectos que o assunto implica.

O acontecimento nacional que me levou a escrever estas linhas é a «grande batalha» da educação que presentemente se trava no nosso país. Uso propositadamente a expressão, aliás popularizada, «grande batalha» por me parecer a mais adequada para traduzir o enorme esforço desenvolvido pelo governo para vencer um sem número de dificuldades e deficiências que denunciavam décadas de abandono deste sector de actividade ministerial. É preciso lutar e lutar com tenacidade para que a batalha seja ganha.

Na verdade, nestes últimos anos, tem-se esforçado o Ministério da Educação Nacional em espalhar por todo o País estabelecimentos de todos os ramos de ensino: primário, secundário, médio e superior. Um grande afã movimenta o povo português e pode mesmo dizer-se que é o aconte-

cimento que mais expectativas provoca presentemente, fazendo até certo ponto mesmo diminuir a acuidade do inquietante problema do nosso Ultramar. De Norte a Sul do País, em todas as terras, grandes ou pequenas, ricas ou pobres, do interior desprotegido ou do litoral beneficiado, as câmaras municipais fazem esforços financeiros verdadeiramente extraordinários para dotarem o seu concelho de uma escola do ciclo preparatório, primeiro, depois, de uma escola técnica ou de um liceu e as mais prósperas pedem mesmo escolas de ensino médio e superior. Por toda a parte se montam pavilhões de material pré-fabricado, se adaptam edifícios e se constroem outros de novo. Após a criação das instituições de ensino, manifestações de alegria e reconhecimento chegam ao Ministério da Educação Nacional pela voz das figuras mais representativas dos concelhos. Por outro lado, ainda há bem pouco tempo, o Senhor Ministro da Educação Nacional, falando aos microfones da Radiotelevisão Portuguesa, prometeu ao País uma reforma dos programas de ensino e um melhor nível de preparação pedagógica dos professores.

Perante esta mobilização geral das capacidades económicas e intelectuais do povo português, julgo oportuno reflectir um pouco acerca das razões profundas de toda esta azáfama.

Certamente que os espíritos menos dados à reflexão poderão encarar esta acção do Governo sob uma óptica individualista e de alcance muito restrito, o que a minimiza a ponto de lhe tirar a prioridade que de facto merece. Na verdade, quantos Portugueses não terão pensado que o único objectivo do Governo é o de pro-

porcionar a todas as famílias a comodidade de terem a escola perto de casa, evitando as deslocações perigosas e dispendiosas dos seus filhos; e que estas facilidades se destinam a proporcionar simplesmente uma maior cultura ao povo português com o fim limitado de conceder à sua linguagem uma maior elegância ou facúndia; que ele usará essa cultura, em suma, como usa um fato novo ao Domingo ou nos dias mais solenes apenas com a preocupação de impressionar os outros.

Visto assim o problema, o ensino seria um luxo supérfluo e nada aconselhável e oportuno este gigantesco trabalho que acarreta tão grandes encargos financeiros, numa hora em que a economia nacional tem tantas dificuldades. Julgo que a prioridade deveria ser dada ao desenvolvimento económico do País o que constituiria a estrutura sólida sobre a qual então o ensino poderia prosperar normalmente.

Foi, aliás, esta a ordem de prioridade, que, em épocas anteriores, parece ter orientado o governo do nosso País: acelerar a produção, estimulando a aplicação do capital em empreendimentos industriais de maneira a fazer diminuir a importação e aumentar a exportação. E, assim, se deu prioridade à construção de estradas e pontes e à beneficiação de portos para facilitar a circulação dos produtos; se procurou incrementar a indústria e a agricultura. Em contrapartida, relegou-se para um plano secundário o sector do ensino, amputando-o dos seus melhores pedagogos, pagando mal aos outros e, para suprir a carência de professores, se recrutaram agentes de ensino entre pessoas sem a mínima preparação pedagógica nem a exigível habilitação para o exercício do magistério. Vimos os professores do ensino primário substituídos, em parte, pelos regentes e os professores do ensino liceal, em número insuficiente, por falta de estímulos de toda a ordem que não só, como muitos julgam, por exiguidade de vencimentos, recrutados entre indivíduos com cursos universitários incompletos ou até com cursos completos mas não adequados à acção pedagógica. Os edifícios escolares, salvo raras excepções, não ofereciam (e não oferecem ainda) as condições indispensáveis a uma boa aprendizagem e também estes se viram

em posição secundária em relação aos Palácios da Justiça, aos Paços do Concelho, ao aformoseamento de praças e jardins, etc.

A criação de estabelecimentos de ensino era privilégio de algumas terras apenas e em quantas delas as Câmaras se comprometiam a prover à conservação dos edifícios, quase sempre improvisados, para logo que eles eram criados, darem prioridade a outros empreendimentos, deixando esses edifícios quase ao abandono, numa deterioração gradual que comprometia toda a acção docente.

Tudo isto é um sinal mais do que evidente de que o ensino não era tomado a sério; de que era menosprezado como se se tratasse de uma actividade desnecessária e constituísse um luxo que não valia a pena alimentar, pelo contrário, se devia contrariar.

E, assim, o nosso ensino foi, pouco a pouco, decaindo, desacreditando-se, alvo de censuras e de muito justas acusações. Seria suportável, no entanto, tudo isto, se o País tivesse acompanhado pelo menos o evoluir económico do resto da Europa; mas o que é certo é que o País também não progrediu no campo da economia como se desejava. Ao atraso do ensino, numa mesma época e num mesmo lugar, correspondeu um atraso económico. Esta simultaneidade de fenómenos talvez tenha alertado finalmente os nossos governantes e os tenha levado a reflectir. Dado que eu não creio que as medidas económicas tenham sido ao menos aconselháveis, só me resta concluir que certamente o mal estaria no critério de prioridade adoptado.

Não é dúvida hoje para ninguém que o ensino está intimamente relacionado com a capacidade de produção económica de um povo. Estude-se bem a história dos povos super-industrializados de hoje e veja-se até que ponto o seu nível económico está assente sobre uma protecção séria ao ensino e uma sábia programação de matérias e métodos pedagógicos.

É que, hoje mais do que nunca, o ensino tem uma missão a cumprir: preparar as gerações de jovens para a vida; mas esta expressão de «preparar para a vida» tem hoje uma amplitude maior do que antigamente. Dantes, «preparar para a vida» tinha um significado estreito de dar aos

jovens um padrão de conduta moral; hoje significa, além desse padrão de conduta, dar aos jovens uma capacidade de integração numa sociedade no seio da qual eles depararão com uma infinidade e variedade de problemas, entre os quais estão os económicos largamente representados.

Numa época em que as técnicas ameaçam dominar o espírito, ninguém pode ter a pretensão de se querer integrar numa sociedade desenvolvida desprovida da adequada bagagem de conhecimentos técnicos, sem correr o risco de uma desadaptação. Ora, é ao ensino que compete formar o homem tecnicamente, dar-lhe essa capacidade de integração numa sociedade que o rejeitará, se a não tiver. Mas não é missão exclusiva do ensino dar aos jovens conhecimentos técnicos suficientes para toda a sua vida. Hoje, a ciência e a técnica evoluem tão rapidamente que seria uma utopia pensar-se que qualquer pessoa, ao sair da escola, sabe quanto lhe é preciso. Mesmo que o ensino ministrado fosse o mais actual possível, em breve estaria desactualizado.

A missão do ensino tem de ser então a de dar aos jovens a capacidade de se adaptarem a este evoluir acelerado da nossa época. E esta capacidade de adaptação adquire-a o homem à custa dos conhecimentos assimilados que lhe dão espírito crítico, possibilidade de escolher entre várias situações a melhor.

Na sociedade portuguesa de hoje e nas múltiplas actividades por que se reparam os seus membros se nota precisamente essa dificuldade de adaptação às novas técnicas e aos novos métodos de produção. E é nas camadas mais incultas que essa dificuldade se sente com mais acuidade: é, por exemplo, a agricultura a actividade nacional mais presa às suas técnicas primitivas, ao seu individualismo, às suas culturas tradicionais ultrapassadas. Estou convencido que não é o respeito pelas tradições nem o amor às técnicas do passado que não permitem ao agricultor a adaptação ao presente mas sim a incapacidade de escolha entre o moderno e o antigo, de discernimento entre o melhor e o pior. Além disso, o seu saber, de que muito se orgulha, geralmente, foi adquirido

à custa de uma experiência sempre longa e, muitas vezes, cheia de contratempos mas que ele reputa de insuperável; e, logo que o progresso científico e técnico lhe contestam esse saber, ele o menospreza porque não quer desiludir-se. A sua desconfiança, em face da ciência de gabinete e dos livros, é evidente. Essa atitude compreende-se em quem não está habituado a usar a razão como encaminhadora dos seus passos, naqueles que se acostumaram a agir segundo certos padrões e métodos não porque compreendam o seu valor mas porque a frequência de certos fenómenos lhe emprestam uma certa legitimidade, o que para eles é mais que suficiente. E não compreendem que os métodos de trabalho são transitórios: mudam com a alteração das circunstâncias de cada lugar e de cada época.

Muitos outros exemplos poderia citar, se quisesse falar de outras profissões. Mas julgo desnecessário apontá-los aqui, porquanto o próprio Estado parece agir de acordo com o meu pensamento. As causas e os objectivos da protecção ao ensino se revelam claramente em frases e expressões que já nos habituámos a ouvir: «É preciso fazer sair Portugal da cauda da Europa»; «Nos orçamentos do Estado não tem havido exiguidade de verbas mas o que tem feito falta é a carência de técnicos para dar execução aos planos». Umas e outras palavras, para só citar as que imediatamente me vieram à lembrança, revelam que o desenvolvimento económico é alcançado através do ensino. Senão vejamos: Na primeira, o Sr. Ministro da Educação Nacional falava ao País acerca do seu programa de acção no campo do ensino e, ao pronunciar essas palavras que não podemos garantir sejam textuais mas cuja ideia fixámos, pretende como que justificar a necessidade de desenvolver o ensino pois seria o único meio do desenvolvimento económico do País. «Fazer sair Portugal da cauda da Europa» não pode senão referir-se à sua situação económica, aspecto que mais facilmente se pode traduzir em números e ordenar os países segundo a sua importância. Na segunda, um responsável pelo planeamento económico do País, cujas funções específicas e nome me escaparam, ao referir-se à falta de técnicos faz sentir a necessidade de que

eles sejam preparados e isso só será possível através do ensino.

Na verdade, onde estão em Portugal os cursos que preparam os nossos administradores de empresa? Não são estes o cérebro que comanda, planeia e disciplina? Não precisarão então de princípios orientadores que, aliados às suas faculdades natas, lhes dêem maior eficiência? Pois bem, em Portugal, de uma maneira geral, reina o amadorismo nos administradores de empresa. De um momento para outro, um médico, um advogado, um engenheiro ou mesmo até um indivíduo que nunca fez mais que ostentar o dinheiro do pai vêm-se à frente de uma empresa que lhes coube por herança. Poucos são aqueles que conseguem superar a sua falta de preparação, à custa de bom senso e de humildade em confessar a sua ignorância, pondo ao seu serviço pessoas mais competentes.

Onde há em Portugal escolas que preparem os técnicos necessários à nossa indústria? Hoje cada vez mais se caminha para a especialização. O operário faz-tudo foi substituído pelo operário especializado e é este quem garante o desenvolvimento económico de um país. No entanto, é daquele tipo de operário que nós temos maior abundância a ponto de muitos terem de emigrar. A nossa indústria têxtil, por exemplo, que dizem estar em crise, paga, no entanto, principescamente a alguns dos seus técnicos. Como se compreende que isso aconteça, quando o operário do mesmo ramo de actividade tem salários dos mais baixos? Apenas se explica pela carência daqueles técnicos, uma grande parte dos quais devem a sua preparação a escolas estrangeiras.

Temos, portanto, muito que fazer em matéria de ensino pois só ele poderá garantir o desenvolvimento económico do País.

Um outro aspecto que se me afigura nada menos importante que o primeiro e que tão descuidado tem sido no País é o da preparação das classes mais jovens para a sua integração social na comunidade a que pertencem.

Enquanto crianças, as pessoas vivem no seio da família ou da escola constantemente vigiadas pelos pais e professores.

Mas, ao atingirem a idade adulta, libertas da tutela dos mais velhos, começam a agir livremente, sem quaisquer peias além das normas jurídicas, morais e religiosas. E, se as primeiras são impostas coercivamente, as outras estão dependentes das tendências naturais de cada um e da educação recebida.

Poderá parecer à primeira vista que um código de leis completo e racionalmente elaborado garantiria a prosperidade e boa harmonia de uma sociedade qualquer que fosse a preparação ou educação moral, social ou religiosa dos seus membros. Uma sociedade assim organizada assemelhar-se-ia a um manicómio de doidos furiosos apertados em camisas de forças. Mas mesmo nessas casas a camisa de forças só se usa como medida preventiva e provisória, enquanto os remédios não produzem os seus efeitos.

Pois bem, é também preciso tirar as camisas de forças a muitos portugueses que só se subordinam às leis porque o seu desrespeito implica sanções. Uma sociedade não pode subsistir sem leis jurídicas, mas dificilmente se conservará se os seus membros não tiverem uma conveniente preparação social.

Nos nossos dias, o homem vive associado em todas as manifestações da sua vida de relação. Associado no trabalho, associado na previdência, associado no desporto. E não se pode conceber o homem fora de uma associação pois que ele não subsistiria. Sendo uma das tendências naturais do ser humano o seu egoísmo e sendo este o destruidor de todas as associações, parece-me de importância capital a educação social dos jovens.

Não consigo fugir aqui à tentação de apresentar um exemplo angustiante revelador da nossa falta de educação social.

Há muito já foi institucionalizada a Previdência em Portugal. Pois, apesar disso ainda há muito operário que não compreendeu o verdadeiro alcance desta instituição vendo-a através de uma perspectiva egoísta que só a pode destruir. Senão vejamos: É tão frequente vermos na ociosidade operários que gozam da mais perfeita saúde, mas sob falso pretexto de que estão doentes, que já não nos causa nenhuma admiração tal facto; a ele nos habituámos de tal modo que não nos fere e parece ter a apro-

vação de todos porque já ninguém o censura.

O operário que faz isto com frequência fá-lo apenas porque raciocina segundo a perspectiva estreita e falsa de que a instituição foi criada só para si, de que só ele contribui para a sua existência, descontando uma percentagem do seu vencimento; portanto, julga lícito que aufera também benefícios mesmo que deles não precise. Mas queixa-se paradoxalmente de que as consultas aos especialistas e as intervenções cirúrgicas estão demoradas, de que os médicos não lhe prestam o cuidado devido, quando está de facto enfermo, pois têm de examinar muitos doentes em pouco tempo. Isto só se explica pela incapacidade do operário para estabelecer a relação entre um facto e outro. Na verdade, o parasitismo do primeiro operário provoca as queixas do segundo.

É necessário, portanto, dar ao operário, para além da técnica, os princípios básicos para que ele possa viver numa sociedade sem a destruir com o seu egoísmo antes, contribua para a sua prosperidade. É tão urgente fazer compreender ao operário que no dia em que falta ao trabalho sem pretexto justificado está a contribuir para o descalabro da economia nacional e para a ruína da Caixa de Previdência, como dar-lhe os conhecimentos precisos para o exercício das suas funções profissionais. Se o operário especializado faz falta, não faz menos falta o operário socialmente consciente dos seus direitos e dos seus deveres.

Para isso, é necessário preparar os mais jovens, não cuidando apenas da sua instrução, isto é, da sua bagagem tecnológica; ao ensino está igualmente reservada a educação social da juventude.

Na minha humilde opinião, o desacordo generalizado entre os mais novos e os mais velhos está precisamente no desejo de liberdade dos primeiros e na teimosia em negá-la dos segundos. Ora, este desacordo há-de manter-se, enquanto uns se não sujeitarem à orientação inicial dos mais experientes e sensatos e os outros não compreenderem que a negação da liberdade é a negação de um direito natural. Há que conciliar uns e outros, fazendo variar o objectivo da educação para a conquista da liberdade.

Sim, educar é libertar; e, no meu entender a solução dos problemas sociais que afligem, no momento actual, as nações de todo o mundo está em encarar o problema da educação como uma maneira de integrar os jovens na sociedade e de os manter sempre jovens na aceitação de princípios e doutrinas novas que renovem constantemente as associações, fazendo-as progredir. Numa sociedade assim não haveria distinção entre o pensamento dos novos e dos velhos; identificar-se-iam nas suas ideias e os desacordos desapareceriam.

Muito tem o ensino que fazer neste sentido em Portugal. O tipo de educação moral e religiosa que os nossos jovens recebem nos estabelecimentos de ensino que frequentam pode dar-lhes a sua perfeita dimensão em face de Deus e orientá-los nas suas relações com o Criador, mas parece-me não se preocupar em lhes dar a sua dimensão em face da sociedade. É, portanto, segundo julgo, incompleta e não desnecessária nem imperfeita porque, se Deus é uma realidade intangível, a sociedade é uma realidade tangível. Se o homem terá um dia que comparecer perante Deus e a prestar contas dos seus actos, antes disso terá que comparecer perante a sociedade, integrar-se nela e aí viver enquanto durar; portanto, se o homem deve caminhar de olhos postos no Alto, não é menos verdade que terá de inclinar muitas vezes o seu olhar para a Terra para não ser absorvido em nenhum abismo. Educação moral e religiosa e educação social são dois aspectos complementares e não inconciliáveis do ensino.

Através da educação social pode não se obter uma sociedade perfeita, esperar-se isso seria uma utopia, mas obter-se-á certamente uma sociedade melhor o que é a verdadeira finalidade do ensino. Far-se-á o operário compreender que o seu trabalho não beneficia apenas o patrão, mas de que a prosperidade da empresa é a sua promoção económica. Dar-se-á ao patrão a consciência de que o salário do trabalhador deve ser justo e estimulante, de que ele é um cooperador que merece estima e não um servo desprezível. Dar-se-á ao médico, ao advogado, ao engenheiro, ao arquitecto, ao professor a consciência de que o seu triunfo não está apenas nos proventos eco-

nómicos avaramente arrecadados, pois que acima deles deve estar a ética profissional. Dar-se-á ao funcionário público a noção do seu dever, fazendo-o sentir a sua responsabilidade como colaborador directo do Governo, dependendo da sua acção o bom ou mau funcionamento da máquina estadual. Dar-se-á ao estudante a compreensão de que nenhum interesse terá para ele uma passagem imerecida ou uma aprendizagem que vise apenas um exame; dar-se-lhe-á a consciência de que a sua aprendizagem é o único meio legítimo de que ele

dispõe para triunfar na vida, para além das suas faculdades naturais; ele compreenderá assim que um diploma de licenciatura em medicina mal atribuído sancionará a acção de um assassino e em direito fará triunfar a injustiça sobre a justiça.

Em resumo, poderemos dizer que a educação social dará a cada um a consciência de que a sua acção é reflexa, porquanto, repercutindo-se na sociedade, acaba por atingir a todos.

António Augusto Gomes Amorim

Fernão de Oliveira

O primeiro gramático da Língua Portuguesa

A sua posição singular

Na Idade Média, os estudos gramaticais assentavam, essencialmente, no latim, já que era essa a língua dos documentos, das orações, dos sermões.

Todavia, os tratados de gramática, que iam surgindo, não impediram que o latim se fosse tornando cada vez menos polido e menos usado. De um modo geral, a ignorância do latim começava a alastrar. Os sermões, só com muita dificuldade, eram entendidos. Os documentos, quando escritos em latim, apareciam pejados de palavras de «Romance».

O português começava, assim a dar os seus primeiros passos.

Da situação, no reinado de D. Dinis, informa-nos João Pedro Ribeiro que diz que, nessa altura, a ignorância do latim era tal, que a maior parte das palavras, que se usavam nas escrituras, eram portuguesas. Daí, talvez, o facto de o monarca ter sentido a necessidade de ordenar que se substituisse o uso do latim, nos documentos oficiais, pela língua portuguesa.

D. Duarte, por sua vez, ao apresentar no «Leal Conselheiro» algumas páginas sobre a maneira de bem traduzir o latim em português, deixa perceber que a nossa língua estava já bem estruturada, e, por isso capaz de traduzir a língua mãe.

A nova língua vai-se, assim, impondo lentamente, até que acaba por ser considerada a verdadeira língua nacional.

É, então, que começa a surgir a necessidade de se fazer sobre ela um estudo mais ou menos directo, através de manuais, capazes de esclarecer todos aqueles que porventura, quisessem fazer um uso perfeito do seu idioma.

Foi Fernão de Oliveira o que primeiro sentiu essa falta e, assim, em 1536 ele publica a primeira gramática da língua portuguesa — «Gramática da Linguagem Portuguesa» de que existe, ainda hoje, um exemplar, conservado na Biblioteca Nacional.

Para a realização deste empreendimento, deve ter contribuído a sua estadia em Castela, onde teve oportunidade de conhecer a primeira gramática castelhana, da autoria de António de Nebrija, publicada em 1492.

Apesar deste modelo, Fernão de Oliveira não deixou de ter dificuldades, como ele próprio confessa, no último capítulo da sua obra, ao tentar justificar-se de possíveis faltas cometidas — «Ser eu curto em meu escrever: e não ser muy ornado com bõs exemplos: e a falta dalghũas cousas que devera escrever e não fiz: e a dissonancia dalghũs termos novos nesta arte que pus: usando de vozes deproprias da nossa lingua. Tudo ante quem não folga de dizer mal *tera escusa com olhar a novidade da obra: e como escrevi sem ter outro exemplo antes de mi* e isto muito mais escusara o defeito da ordem que tive em meu proçeder se foy errada. E com tudo o que com razão pode ser repreendido: eu conquê o não escrevi com malicia: e podesse emendar: antes peço a quem conhecer meus erros que os emende: e todavia não murmurando em sua porque das faz em si.»

É que, Fernão de Oliveira queria, acima de tudo, ocupar-se da análise profunda e minuciosa da língua contemporânea, libertando-se, o quanto possível, dos modelos Greco-latinos, característica que não encontramos nos outros três gramáticos quinhentistas.

Daí, as suas dificuldades; daí a sua posição singular.

É certo que nem sempre conseguiu o seu intento, pois cita, por várias vezes, autores antigos — Cícero, Marco Varrão Quintiliano, Aulo Célio; além disso, a base da classificação dos elementos da linguagem é, essencialmente latina, bem como as palavras que consagra à analogia; as memórias, que regista sobre a origem da gramática, dependem também de uma tradição clássica. De qualquer modo, esta tendência para os modelos antigos — podemos dizê-la quase inconsciente — não impediu que se tivesse, por várias vezes, insurgido contra o predomínio clássico na nossa língua: — «tornemos sobre nos agora que he tempo e somos senhores porque melhor he que ensinemos a Guine ca que sejamos ensinados de Roma.» (Capítulo IV); «...e nana trabalhamos em lingua estrangeira, mas apuremos tanto a nossa com boas doutri-

nas que a possamos ensinar a muytas outras gentes.» (Cap. V); e ainda «...e por nossa vôtade damos nossas vantagens aos latinos e gregos q̃ tão pouco sabe as vezes o q̃ hão mester» (Cap. XVI).

Destas palavras podemos concluir que grande era o orgulho de Fernão de Oliveira pela sua língua. Ele não queria apenas descrevê-la; queria também que os portugueses a amassem e a propagassem pelas regiões descobertas.

É, aliás, este sentimento patriótico da superioridade da língua portuguesa em face das outras, que constitui o traço de união entre os nossos quatro primeiros gramáticos — Fernão de Oliveira, João de Barros, Duarte Nunes de Leão e Pero de Magalhães Gândavo — que muito contribuíram para o engrandecimento do nosso idioma.

Maria Jacinta Cruz Pinto

Paleontologia, ciência aliciante e de alto valor formativo

(Conclusão)

3. — *A Paleontologia nas suas relações com outras ciências*

A Paleontologia, como ciência, está, por assim dizer, *ao serviço* de inúmeros ramos do saber que nela vão buscar a resposta para muitas das suas dúvidas, das suas incertezas...

Mas, por outro lado, ela não pode prescindir do concurso das outras ciências, sob pena de se transformar numa ciência estática e empírica. Assim, necessita, por exemplo, da Física e da Química que lhe explicam, até certo ponto, o mecanismo dos diferentes tipos de fossilização (incrustação, moldagem, mineralização...), a natureza química do meio que como que condiciona e determina o tipo de fossilização (em meios impermeáveis, argilosos, a acumulação de matéria orgânica, conduz muitas vezes à piritização dos fósseis)...

A Matemática (estatística), a Filosofia e a Teologia (origem das espécies), a História (pré-história), a Geografia (paleogeografia), a Climatologia (paleoclimatologia), a Petroquímica (petróleos e carvões), dão e recebem, sem dúvida, larga contribuição aos estudos paleontológicos. Mas, relações bem mais íntimas existem entre ela, a Biologia e a Geologia. A interdependência destes três ramos das Ciências da Natureza, é-nos, flagrantemente, confirmada a cada nova descoberta paleontológica. *Melendez*, afirma a este respeito que «a Paleontologia é uma verdadeira ponte de união e harmonia entre a Biologia e a Geologia».

3.1. — *A Paleontologia e a Biologia*

A Biologia sempre que trata do problema das classificações sistemáticas actuais, verifica, tanto no que diz respeito à Zoologia como à Botânica, que existem verdadeiras lacunas, pois existem grupos inteiros, importantíssimos em sistemática, que de há muito, desapareceram da face da Terra.

Ora são, exactamente, esses grupos extintos, apenas conhecidos através dos respectivos fósseis, que vão dar a necessária *unidade* às classificações lógicas da Taxionomia.

No que se refere à Zoologia temos, por exemplo, o caso das *Trilobites* que viveram no Paleozóico, das *Graptolites* silúricas, dos *peixes couraçados* (Placodermes) que apareceram no Silúrico, atingiram o máximo no Devónico e se extinguiram no Antracólítico. Muitos répteis terrestres, aquáticos e voadores, alguns, de enormes dimensões (*Dinossauros*), tiveram notável desenvolvimento no Jurássico para se extinguirem no final da era Mesozoica. Igualmente, no Jurássico, surgem as *Archaeopteryx*, seres que marcam bem a ligação das aves actuais com os répteis, e que já não atingem a era Cenozoica. Os *Estegocéfalos* (batráquios com caracteres comuns aos peixes) viveram nas eras primárias e secundária e tantos outros, cujos fósseis nos atestam a sua existência em épocas geológicas bem remotas...

Quanto à Botânica, de novo, é a paleontologia a informar-nos da existência e do extraordinário desenvolvimento de certas Pteridófitas no Antracólítico, da existência de Pteridospérmicas (plantas que são o elo de ligação entre as Pteridófitas e as

Espermatófitas actuais), da vivência das Cordaitíneas, das Benetitíneas, etc.

Há, no entanto, um outro problema em que a simbiose «*paleontologia-biologia*», se mostra em toda a plenitude. Trata-se do «*facto da evolução*» (Caullery), que desde sempre se pôs ao pensamento humano, e, em que há muitos pontos obscuros no que diz respeito, não apenas às causas, mas, igualmente, ao próprio mecanismo. A religião e a filosofia, foram as primeiras a ocuparem-se em compreender e explicar tal enigma, mas apresentaram somente soluções à priori. São as Ciências Naturais que, encarando racionalmente o problema, vão acumulando documentos, observações, resultados experimentais, através dos seus múltiplos ramos, como a Sistemática, a Anatomia Comparada, a Embriologia, a Fisiologia, a Antropologia e a Paleontologia, na tentativa de, por vias múltiplas mas convergentes, estabelecerem um plano harmónico que responda a tais interrogações.

A evolução orgânica é como que a base de todas as Ciências Naturais, e, envolve aspectos da maior transcendência, como o religioso e o filosófico.

Na procura da solução, para tal problema, torna-se imprescindível o estudo das formas fósseis, pois a paleontologia possui uma dimensão que, em certa medida, falta à Biologia, a *duração*.

O primeiro aspecto a encarar no fenómeno da evolução, é o factor tempo, mas tempo a envolver, na maioria dos casos, milhões e milhões de anos. Os estudos paleontológicos, permitem-nos, no presente, a assistir a todo um processo *real* de evolução das faunas e das floras, desde que surgem, ou pelo menos, desde que temos conhecimento delas, através dos seus fósseis, até à sua extinção, nuns casos, ou até à sua ligação com as formas actuais, noutros.

Nem sempre a *documentação* paleontológica resulta completa, a maioria das vezes é mesmo escassa. No entanto vão surgindo, de quando em vez, achados inesperados que, muitas vezes, vêm aclarar ou até confirmar incertezas e suposições.

Se é ou não exacta a hipótese evolucionista, que caminho percorreu, que grupos sistemáticos antecederam um outro, e, tantas outras interrogações, são questões em

que a verdadeira *pedra de toque* é a Paleontologia, que nos oferece provas, a tal ponto esclarecedoras, que, hoje, o evolucionismo deixou de ser uma hipótese para ser considerado um facto histórico. A variação das faunas e das floras através dos tempos, é-nos comprovada por fósseis que nos revelam que os diversos tipos de seres apareceram, sucessivamente, no tempo e por uma ordem que vai *sempre* das formas mais simples para as de maior complexidade, os de estrutura primitiva, arcaica, antecederam os de estrutura mais evoluída.

Os vertebrados mais antigos são os *Agnathes* (descobertos em 1946 em Ecosse), seguem-se-lhes os peixes, primeiro os *Ostracodermes*, depois os *Placodermes*, que fizeram o seu aparecimento no Silúrico. No Carbónico superior, surgiram os primeiros *vertebrados terrestres*, os *Estegocéfalos*, e, a seguir, os répteis primitivos, que tiveram o seu período de máximo desenvolvimento na era Mesozoica, em que nos aparecem alguns verdadeiramente gigantescos, como os *Dinossauros*, os *Brontossauros*, etc. Nesta mesma era (Secundário), aparecem, ainda com caracteres nitidamente reptilianos, as primeiras Aves, os *Archaeopteryx*. Os Mamíferos, só nos surgem na era seguinte, Cenozoico, e, em primeiro lugar, os mamíferos aplacentários, para depois se assistir a um aperfeiçoamento sucessivo e a uma diferenciação cada vez mais nítida, que culmina com o aparecimento do Homem, já na era quaternária.

Quanto à evolução das plantas fósseis, não é menor o contributo paleontológico. Com efeito, o estudo das plantas fósseis recolhidas nas camadas sedimentares mais antigas, mostra-nos uma flora bem diferente da actual. Assim, nas formações ante-câmbrias, existem autênticos restos de plantas (algas) raras é certo, talvez até por essas rochas se apresentarem fortemente metamorfizadas, o que deixa supor, terem, sofrido profundas alterações. A partir do Primário, as plantas estão suficientemente bem conservadas, pelo que, a sua estrutura pode ser detalhadamente estudada. Os fósseis vegetais mais antigos deste período são ainda algas marinhas e de água doce, em que, algumas se apresentam enormemente desenvolvidas, com talos medindo cerca de um metro de diâmetro. Surgiram,

depois as primeiras plantas terrestres, as *Psyllophytales*, no Devónico médio ou superior, e que São Criptogâmicas vasculares que atingiram o apogeu no Carbónico, período em que aparecem as primeiras Espermatófitas, representadas pelas Cordaites, depois pelas *Cycádeas* e pelas *Coníferas*.

No secundário, verificou-se o declínio das Criptogâmicas vasculares, persistem algumas Pteridospérmicas e multiplicam-se as Gimnospérmicas. As *Cycádeas*, abundantes no Jurássico, entram em declínio. As *Coníferas*, representavam o elemento essencial da flora cretácica. Depois no início deste período, fizeram a sua aparição as Angiospérmicas que se dividem já em Mono e Dicotilédoneas.

Esta breve visão, mostra-nos que as plantas de estrutura mais simples, arcaicas ou primitivas, surgiram antes das de estrutura mais complexa, fenómeno, aliás, análogo ao que se verificou com os diversos grupos de animais.

A progressão orgânica é evidente e verifica-se mesmo uma concordância rigorosa entre a aparição de um dado grupo e o lugar que lhe confere a sua organização. É o que se verifica, por exemplo, com os vertebrados, em que os *Agnates* precedem os *Peixes*, estes os *Répteis*, a que sucederam as *Aves* e depois os *Mamíferos* e, dentro destes, os *Aplacentários* precederam os *Placentários*.

Outra prova, concludente, ainda com base no estudo de formas fósseis, é que, os diferentes grupos de animais e plantas, estão ligados por *formas intermediárias*, que apresentam uma estrutura composta em que se notam traços característicos de vários tipos.

A passagem de um antigo tipo de organização a um novo, não se efectua por formas intermediárias, mas sim com a substituição progressiva de novos caracteres no grupo inicial. Deste facto resulta que a posição sistemática destes seres intermediários, não é bem definida, dependendo do critério adoptado na localização do ser nesta ou naquela classe. Consideremos duas classes A e B; quando os caracteres da classe B, aparecidos na forma intermediária, são pouco numerosos e pouco significativos, ela situa-se na classe A; mas, logo que eles são abundantes e afectam

estruturas essenciais, a forma passa a considerar-se como pertencente à classe B. Estas formas são menos conhecidas entre os invertebrados do que entre os vertebrados. Dos inúmeros exemplos possíveis de mencionar, indicaremos, apenas, alguns que, julgamos suficientemente esclarecedores: os *Ichthyostegos*, descobertos nas formações devónicas da Gronelândia, ligam os peixes Crossopterígeos aos batráquios Estegocéfalos do carbónico, uma vez que apresentam cintura pélvica e membros evoluídos do tipo batraquiano, mas o crâneo curvo e baixo e de estrutura óssea, assemelha-se ao dos peixes Crossopterígeos.

A *Archaeopteryx*, descoberta nos xistos de Solenhofen, é um exemplo da passagem entre os Répteis e as Aves. A sua estrutura geral e as penas são de uma ave, mas apresenta, ainda, muitos caracteres reptilianos, como a disposição dos ossos craneanos, os dentes, a ausência de bico córneo...

Se bem que, na maioria dos casos, não tenham sido, pelo menos até agora, e nada impede que tal não venha a acontecer, encontradas as formas que se possam colocar, exactamente, entre dois dados grupos sistemáticos a uni-los, a verdade é que, tais formas intermédias aparecidas, reduzem as diferenças morfológicas existentes entre os referidos grupos, já diferenciados, e que, por se encontrarem localizados no momento preciso da história da terra em que, segundo no-lo afirmam os dados paleontológicos, apareceu um dos referidos grupos, são um indício seguro da evolução entre ambos.

Uma outra prova e das mais comprovativas, da verdade da evolução reside na possibilidade de se poderem estabelecer *séries filogenéticas* completas.

A Filogenia, trata da investigação da origem dos organismos actuais e extintos, em relação com os que os precederam no tempo. Nalguns casos, tem sido possível estabelecer séries de formas, devidamente escalonadas no tempo, e que, morfológicamente, mostram a série de transições havidas entre duas espécies distintas, distanciadas no tempo.

Já, num outro capítulo, fizemos referência às séries filogenéticas dos equídeos e das paludinas de Slavónia (pág. 8 e 9 do número anterior). Os moluscos do género

Planorbis, do lago miocénico de Steinheim, dão, de igual modo, séries competas; na base das formações, encontram-se exemplares de concha cónica; nas camadas médias, encontram-se uma enorme série de formas de passagem; nas camadas superiores, finalmente, vêem-se Planorbis apresentando concha de enrolamento normal. Esta seriação de espécies, sem interrupções, em assentadas sedimentares espessas e contínuas, verifica-se em vários grupos, como Ammonites, Pectens, Braquiópodes, que nos confirmam todo um processo evolutivo, lento mas contínuo, que jamais se repete, e que se não pode observar, directamente, mas que, como vimos, se pode reconstituir a partir de verdadeiros documentos comprovativos que são os fósseis.

3.2. — *A Paleontologia e a Geologia*

A Geologia, ao pretender reconstituir a história da Terra, sente necessidade de determinar a ordem natural da formação das rochas primitivas ou arcaicas. Ora, a sucessão cronológica dessas formações petrográficas apenas pode ser testemunhada pelos fósseis, «*únicos documentos das primeiras idades da Terra*», (Buffon), pois as suas posições cronológicas fornecem uma base valiosíssima para a determinação da idade relativa das diferentes camadas litológicas.

Em terrenos onde existem fósseis, como estes diferem no tempo, torna-se possível determinar a *idade relativa* dessas formações. Os conceitos de idade relativa e de idade absoluta, são fundamentais na interpretação dos fenómenos geológicos. A este propósito, eis um exemplo que me parece que elucida bem estes conceitos: «o terramoto de Lisboa ocorreu no reinado de D. José I (idade relativa), a 1 de Novembro de 1755 (idade absoluta).»

São possíveis de aplicação à Geologia, estes conceitos, embora só muito recentemente se tivesse podido determinar a idade absoluta (métodos radiactivos) das diferentes formações. Durante muito tempo, os terrenos e os seus fósseis, tiveram apenas uma cronologia relativa. Não se chegava a situá-los se não por um paciente estudo da sua sobreposição, da sua espessura (variáveis geológicas dependentes do tempo),

quando se tratava de formações sedimentares; do seu contacto com as rochas mais antigas, quando se tratava de formações magnéticas; e, do seu grau de evolução, quando se tratava dos seus fósseis.

Só a partir dos fins do séc. XVIII, é que a Geologia começa a utilizar os fósseis como *documentos comprovativos*, no estabelecimento da cronologia dos sedimentos (Soulavie); após anos de observação directa de cortes geológicos, «in situ», verificou que «os fósseis diferiam segundo a sua idade e a sobreposição das camadas que os encerram», dando assim início à paleontologia estratigráfica que só mais tarde (1811), devido aos trabalhos de «*William Smith*», se impôs no meio científico.

A idade de um terreno não pode ser referenciada por anos ou mesmo séculos, por que os fenómenos geológicos, embora possam ser progressivos, não são constantes e as lacunas, que daí resultam, são de períodos de tempo indetermináveis.

As grandes divisões da História da Terra, hoje aceites de uma maneira geral, baseiam-se nas transformações sofridas pela fauna e flora, testemunhadas pelos fósseis, e nas grandes lacunas acompanhadas de discordância, isto é, nos períodos de formação das cadeias montanhosas que foram acompanhadas, como se sabe, das mais profundas modificações geográficas, climáticas e da fauna e da flora.

Ora, essa sucessão cronológica que, até certo ponto, historia as diferentes fases porque se processou a complexa evolução sofrida pela Terra através dos tempos, é objecto da Estratigrafia que procura, estudando séries de terrenos ou cortes geológicos em pontos, por vezes muito afastados do globo, estabelecer comparação entre essas séries, procurando sincronizá-las, umas em relação às outras, ver em que diferem, compreender essas mesmas diferenças em função do espaço e do tempo, até conseguir agrupá-las harmoniosamente. É, aliás, nesta harmonia espaço-tempo que a Estratigrafia tem carácter estritamente científico.

A Estratigrafia assenta, por assim dizer, em dois princípios base, o da «*sobreposição dos estratos*», que nos diz que uma dada camada sedimentar, não deslocada da sua posição inicial, é mais moderna do que aquela que ela recobre. O outro princípio,

é o do «*sincronismo dos estratos*», que nos indica serem da mesma idade os estratos que contêm as mesmas formas fósseis.

Recentemente (1960), a Subcomissão Internacional de Terminologia Estratigráfica, estabeleceu as *unidades estratigráficas*, tendo por base os caracteres litológicos, a idade cronológica relativa e o conjunto de fósseis, formando assim, respectivamente, as seguintes unidades: *unidades litoestratigráficas*, *cronoestratigráficas* e *bioestratigráficas*.

Sempre que os estratos são estéreis de fósseis ou não se torna possível referi-los a nenhuma das unidades cronoestratigráficas, temos de lançar mão das unidades litoestratigráficas. Em geral, ao estudar-se a estratigrafia de uma região, começa-se por delimitar unidades litoestratigráficas e, uma vez estudado o conteúdo fossilífero dessas unidades, substituem-se por unidades cronoestratigráficas.

São, no entanto, os fósseis que constituem o critério mais útil para fixar os limites às unidades cronoestratigráficas, desde, é claro que elas os contenham.

Um outro aspecto fundamental da ligação existente a Paleontologia e a Geologia é a determinação da cronologia estratigráfica, isto é, o estabelecimento do sincronismo entre certos fenómenos geológicos e biológicos testemunhados pelas rochas, procurando, para tal, demonstrar a sua correspondência quanto à sua idade e posição estratigráficas.

Que interesse poderá ter o estabelecimento de tal sincronismo? É que, através dele, podemos saber para cada época da História da Terra, quais os tipos de animais e plantas que povoaram as diferentes regiões e quais as condições físicas do meio nessas diferentes regiões. A sequência da Vida, ao longo do tempo geológico, só poderá ser conhecido através da correlação dos acontecimentos de carácter geológico e biológico.

A correlação estratigráfica pode ser estabelecida segundo vários processos. Uns, (processos estratigráficos) baseiam-se na «lei da sobreposição», procurando para cada unidade estratigráfica, fixar a sua idade relativa, levando ao estabelecimento da sequência dos fenómenos geo-biológicos que teriam estado na base da sua génese. Outros (processos litológicos), válidos quando se

trata de estabelecer correlação entre formações de afloramentos afastados, mas pertencentes à mesma bacia de sedimentação. Estes processos, aliás, só se justificam quando da inexistência de fósseis. Outros, ainda, (processos paleontológicos) que visam determinar a contemporaneidade das formações e dos acontecimentos geológicos que os originaram. Estes processos paleontológicos, baseiam-se na história geológica dos seres vivos revelada pelos fósseis e procuram definir unidades cronoestratigráficas.

A estreita relação existente entre a Paleontologia e a Estratigrafia ficou, cremos, suficientemente objectivada e, a tal propósito, apenas à laia de resumo diremos: — os sedimentos depositados no decurso de uma dada época geológica, deverão conter os fósseis dos seres que viveram durante essa época, e, se por vezes tal se não verifica, em princípio teremos de admitir a existência de um sincronismo entre o tempo de sedimentação e a vida dos seres que vieram a originar os fósseis neles encontrados. Mais, a dispersão geográfica desses seres vivos permite, através dos seus fósseis, estabelecer não apenas um sincronismo biológico, mas, igualmente, um sincronismo geológico.

Existe ainda um outro aspecto em que o contributo da Paleontologia é marcadamente valioso. Trata-se de um aspecto eminentemente prático dos estudos paleontológicos, o da prospecção de reservas naturais de petróleo, gás natural, ouro, carvão, fosfatos, etc...

Vejamos alguns casos concretos: na Austrália, mercê do estudo dos fósseis que existiam na base das formações câmbrias, foi possível localizar conglomerados auríferos; no norte de África, as formações cretácicas e eocénicas, são ricas de jazigos de fosfatos sedimentares, e, análogamente, devido ao estudo de dentes de vertebrados fósseis, foram localizados em Cabinda (Angola) nas orlas sedimentares do Zaire, formações cretácicas, igualmente, ricas em fosfatos.

As prospecções petrolíferas, vimos já, baseiam-se actualmente, no estudo dos microfósseis (foraminíferos) vindos nos testemunhos (carottes) das sondagens de prospecção para o que, as grandes companhias

petrolíferas mundiais, dispõem de completos e bem apetrechados laboratórios à disposição de equipas de paleontólogos especializados em foraminiferologia. O conhecimentos da estrutura da bacia de sedimentação, para a localização dos jazigos petrolíferos, fica grandemente facilitada pela identificação dos microfósseis recolhidos durante as sondagens. Foi a análise foraminiferológica dos «testemunhos» que permitiu estabelecer a correlação dos estratos atravessados e a consequente localização das concentrações petrolíferas, no caso da bacia petrolífera do Quanza (Angola).

4. — *A Paleontologia e o seu valor formativo*

Do que temos vindo a expor, em especial, quando nos referimos aos objectivos e às relações da Paleontologia, ressalta um sem número de factos comprovativos do alto valor formativo desta ciência, que transcende a simples aquisição de conhecimentos, pois trata antes de lhes dar conteúdo e significado, no sentido de enriquecer o espírito.

É certo que, no ensino desta ciência, se chega a não poder distinguir quando se está a *informar*, de quando se está a *formar*. Na verdade, estes dois aspectos interpenetram-se, a tal ponto, que difícil se torna determinar onde começa um e acaba o outro.

A aquisição de conhecimentos, ordenadamente adquiridos contribui, indubitavelmente, para a formação do indivíduo e para o seu enriquecimento espiritual e, como que desperta nele o desejo de futura e, sucessivamente, vir a obter outros relacionados com os primeiros.

No ensino da Paleontologia, afigura-se-nos que é do maior interesse para o aluno, não o reter, memorizados, um certo número de conhecimentos paleontológicos, mas, outrossim, dar-lhe a possibilidade de os vir a adquirir e de jogar com eles, num sentido interpretativo que lhe possibilite a sua utilização inteligente sempre que necessário se lhe torne. Um dos aspectos formativos da Paleontologia é *orientar e desenvolver*, sob o contróle do professor, o espírito de observação dos alunos, obrigando-os a distinguir o que importa em detrimento de pormenores que nada significam.

Sendo, como vimos, os fósseis na sua maioria incompletos, a reconstrução dos mesmos, o como que adivinhar das partes que faltam para dar a unidade ao todo que teria originado o referido fóssil, são óptimos exercícios de ginástica mental.

Por outro lado, a observação concreta de fósseis, cria, necessariamente, um nunca acabar de interrogações à mente do aluno: —«quando teria vivido o ser que originou, tal fóssil?»; «que condicionalismo teria determinado a fossilização do mesmo?»; «em que condições geográficas e climáticas teria vivido ele?»; «o que teria levado ao desaparecimento de tal grupo de animais ou plantas da fauna ou floras actuais?».

Ora, a resposta a estas perguntas e a tantas outras que podem surgir aos alunos, ter-se-ão de ir buscar à Paleontologia e envolvem um aspecto verdadeiramente formativo.

Como vemos, o simples estudo de um determinado fóssil, conduz o aluno a extrapolações de pensamento, levando-o à procura da localização no tempo e no espaço daqueles restos ou simples vestígios que testemunham uma vida, vivida há longínquos tempos.

O estudo desta ciência, tem ainda um outro aspecto formativo da maior utilidade. É o habituar os alunos à ideia de que, numa ciência, nem tudo são *certezas...*, que, muitas vezes, o simples achado de um fóssil, em melhores condições de fossilização, obriga a retirar hipóteses, antes tidas por evidentes, e a substituí-las por outras. O que se passou com as Graptolites é bem concludente: estes fósseis, que se assemelham a *traços de escrita*, são muito frequentes nas formações xistosas do Paleozoico, foram, desde 1843, considerados como restos de Celenterados (Hidromedusas) que formavam colónias flutuantes, nos mares primários. Em 1905, o zoólogo russo *Schepotieff*, após laboriosos trabalhos, concluiu que, afinal, tinham grandes afinidades com os Protocordados, animais de muito maior complexidade, e que se aproximam dos cordados inferiores. Mas, continuaram a ser considerados como celenterados para os restantes, e, só muito recentemente (1945) é que, de novo, devido aos trabalhos do paleontólogo polaco *Kozłowski*, se voltou à hipótese de Schepotieff. Três anos mais

tarde, o russo *Obout*, trabalhando com Graptolites excepcionalmente bem conservadas, a ponto de ter podido reconhecer que as pequenas esférulas (gonotecas) eram ovos e que estes animais apresentavam também *espermatóforos*, onde se acumulavam os gâmetas masculinos. Dada a evidente complexidade da estrutura genital, provou-se que as Graptolites não podiam ser Celerados, mas seres mais evoluídos, a ponto de poderem ser considerados como Protocordados (Pterobranquiados).

Por vezes, a Paleontologia, faz surgir problemas que, sem dúvida, a transcendem, na medida em que entram em jogo valores de ordem moral e religiosa da maior importância. Mas, mesmo nesses problemas, como a *origem das espécies* e, em especial, a *origem do Homem*, cabe-lhe um papel importantíssimo, dado que permite a interpretação de certos factos à luz de um espírito científico e concreto.

Pena é, que a actual orgânica do nosso ensino, não permita saídas ao campo, para que os alunos, em contacto directo com

a Natureza, sentissem quanto de humildade e reconhecimento não envolve a verificação directa de fenómenos naturais, que na sua grandiosidade esmagadora nos levam a sentirmo-nos, apenas, frágeis e insignificantes peças de um tremendamente complexo mecanismo.

Os estudos paleontológicos feitos no próprio terreno, fazem com que os alunos tomem consciência de que a geistória é, na verdade, a *história real* da Terra. «*Charles Combaulin*» diz, a este propósito, o seguinte: — «as excursões geológicas e paleontológicas, mais do que quaisquer outras, justificam a sua etimologia, pois correspondem a autênticas saídas para fora do espaço e do tempo actuais. Vendo a montanha que se ergue ante os seus olhos, os alunos são levados a pensarem nos mares que aí se encontravam há centenas de séculos, olhando para o mar, não podem deixar de pensar que se estão a depositar, aí, as montanhas do amanhã!!!».

Angelo Aires

OS PIONEIROS DO LICEU DE BARCELOS

Turma A – Letras

*Ana Margarida Lopes
Manuela do Céu
Rosa Maria Coelho
Maria da Piedade
Maria Dílora Alves
Elsa Maria
Maria do Rosário
José Meira Matos
Eduardo Isidro
José Ribeiro Fernandes
Carlos Carvalho
Eduardo António Silva
Vitor Manuel Silva
António Domingos*



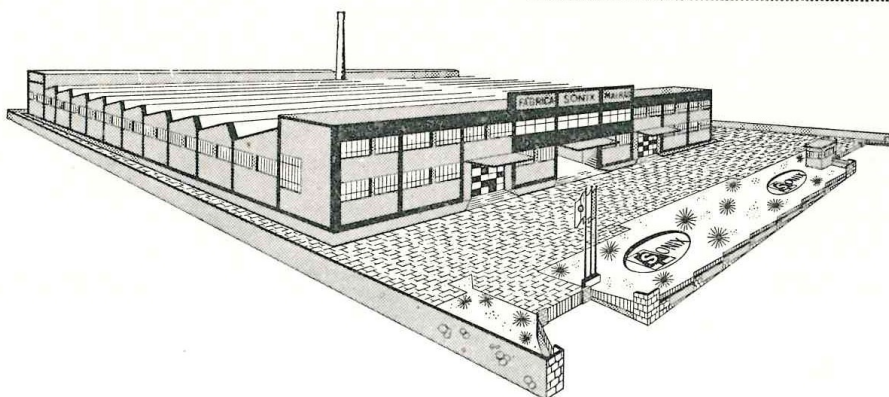
Turma B – Ciências

*Maria Luísa Nunes
Augusta Pinto Coelho
Maria Teresa Pedras
Angelina Corrêa
Maria Virgínia
Maria José Ribeiro
Maria Luísa Alves
José António Serra
Francisco Fins
António Luís Corrêa
Rogério Manuel
José António Corrêa
Berto Fernandes
José Duarte
José António Pereira
Rodrigo Dias Campos
Augusto Rosmaninho
João José Bessa
João Manuel Corrêa
António Campos*

Malhas Sonix, Limitada

Malhas interiores e exteriores

algodão, mousse-nylon e fibras



TELEGRAMAS **SONIX**
TELEFONE 82544

BARCELOS

PASTELARIA
MERCEARIA
FRUTARIA
SNAK-BAR

Visite o

**SUPERMERCADO
DA CASA DO CAFÉ**

Um estabelecimento que
honra Barcelos.

Não espere pela vez de
ser atendido e sirva-se a
si mesmo.

Rua D. António Barroso, 61-63
Telefone 82390

RIGOROSA EXECUÇÃO DE RECEITUÁRIO
MÉDICO. OFICINA PRÓPRIA. TÉCNICO
ESPECIALIZADO

Jorge

OCULISTA

Visitando V. Ex.^a esta casa verificará serie-
dade, honestidade e competência.

LENTES: Contacto, Inquebráveis, Verdes
e Cores Diversas, Bifocais, Trifocais

BARCELOS Rua D. António Barroso, 119

SANTO TIRSO Parque de D. Maria II, 59 Telef. 52582

V. N. DE FAMALICÃO Rua Adriano Pinto Basto, 116
Telef. 22474-P. F.

Aspectos gerais da Vida e Obra de Joyce Cary

Joyce Cary é um escritor que não é fácil de classificar ou de integrar numa corrente literária moderna pois não é influenciado, pelo menos dum modo profundo, por qualquer uma.

Diz-se de Cary ser mais tradicionalista que a maioria dos escritores seus contemporâneos. Alguns dos seus críticos chamam-lhe mesmo um romancista tradicionalista.

Pouco depois da sua morte, em 1956, Cary foi objecto duma batalha entre os que estavam empenhados em ver na sua obra as forças das invenções do século XIX e os que encontravam estas tradições moribundas.

Cary pode de facto identificar-se como um escritor retrospectivo que vem dessa tradição vigorosa. Não se deve negar que é um elo do passado, um romancista interessado na moralidade, um tradicionalista, um conservador, que não pode substituir o racional pelo irracional. Ele está apto a regressar à tradição mais antiga do romance inglês, duma maneira mais radical que qualquer dos seus contemporâneos. Contudo notam-se nas suas obras também influências dum James Joyce, especialmente no monólogo interior, e até duma Virginia Woolf, bem como de outros escritores modernos, mas a sua ligação vital vai para a tradição inglesa. O romance dum Joyce é internacional, enquanto que o de Cary é tipicamente inglês.

Joyce Cary nasceu em 1880 em Devon. Viveu uma época de transição, em que guerras e revoluções dos inícios do séc. XX tinham desintegrado os códigos morais e sociais da era vitoriana e eduardiana no seu país. Onde tinha existido ordem reinava agora a confusão, se não mesmo o caos.

Cary estudou em Paris vindo mais tarde para Oxford.

Quando da guerra dos Balkãs alistou-se num batalhão e depois como voluntário na Cruz Vermelha. Ele queria sentir a experiência da guerra segundo ele mesmo expressou: «I wanted the experience of war...».

Vai para o serviço político na Nigéria, onde passou alguns anos da sua vida ligado ao governo e administração entre os povos primitivos. Exerceu as suas funções de magistrado e oficial do exército numa afastada região, sobre uma vasta área e uma vasta população, sem qualquer outro europeu na sua divisão.

Joyce Cary começou a escrever relativamente tarde, contudo enriquecido por uma experiência original, nascida deste seu contacto com a cultura dos povos primitivos africanos, do seu conhecimento do mundo «oficial» burocratizado do governo e da administração.

Joyce Cary é uma personalidade extrovertida, vigorosa e tenaz. Nunca se perde em auto-justificações ou auto-piedade. Esta faceta do seu carácter soube transmiti-la às suas personagens.

A sua obra é vasta. Escreveu não só romances, pequena ficção, poemas, como ainda tratados políticos e ensaios de crítica.

Nos seus romances Cary coloca-se sempre no espírito do elemento central. Tal como o poeta visto por Keats ele parece não ter «no identity — he is continually in for and filling come Other Body». Esse «Other Body» pode ser, com a maior convicção e sem dificuldade, um africano semi-europeizado como Johnson de «Mister Johnson», o artista alegre como Gulley Jinson, um velho excêntrico, Wilcher de «To Be

Pilgrim». Os seus primeiros romances, à excepção de «The Castle Corner» tem por palco a África, mais especificamente a Nigéria.

Cenário e personagens são refinadamente elaborados pelo escritor.

Nos romances africanos Cary dramatiza o seu tema da imaginação criadora do indivíduo em conflito com os outros ou com a autoridade, como o conflito entre raças diferentes, entre modos de ser estranhos a cada um e mais ou menos incompreensíveis para os outros. Nestas obras dá-nos, em imagens detalhadas, os povos primitivos enfrentando uma civilização nova para eles e por isso largamente ininteligível, tirando o que dela lhes agrada e fazendo dessa civilização o novo alvo, à sua maneira.

Este mundo africano que surge nos romances deste escritor é aquele em que cada um está com ideias opostas em relação ao outro. Inevitavelmente o trágico e o cómico encontram-se inextrincavelmente misturados.

Em «The African Witch» Cary dramatiza a verdade acerca da situação humana, dos conflitos entre seres humanos. O interesse sempre presente nele não é mostrar-nos africanos ou europeus mas o Homem.

Nos romances de África o que Cary pretende mostrar-nos não é a África mas dar-nos um mapa da vida que fará justiça à situação humana tal como ele a vê.

Aos romances africanos seguem-se os romances centrados na infância, «Charley is my Darling» e «A House of Children» que nos leva até à Irlanda da sua meninice e que é, sob certos aspectos, um romance auto-biográfico.

O seu trabalho mais importante consiste, porém em duas trilogias: a trilogia «Sara Mondy — Wilcher — Gulley Jimson» e a trilogia política também conhecida por Chester Nimmo Trilogy.

Este conjunto ambicioso e complexo tem por cenário a Inglaterra.

Em ambas as trilogias são-nos mostradas em detalhe concreto e vivo a garra dos processos históricos, a mudança gradual dentro duma estrutura social dos acontecimentos políticos, dos destinos individuais, dos saltos súbitos na moral pública e privada e da respectiva mudança no idioma e costumes. Nelas examina os valores do passado e presente em Inglaterra.

Todos os romances de Cary apresentam uma grande variedade de cenas, acções e caracteres. Os seus esquemas são conduzidos através dos destinos dos indivíduos.

A par do vigor e do humor que perpassa a obra de Joyce Cary ela está também imbuida duma certa angústia que muitas vezes desce a um sentido sem esperança.

Há todo um mundo real com o que nele há de bom e mau.

Segundo Andrew Wright o mundo de Cary é composto principalmente de três tipos de caracteres: o homem criador, aquele que vive em liberdade, o anárquico, o artista que destrói para criar.

Oposto a este está o homem conservador ligado à ordem, ao passado, onde pode ou julga poder encontrar certezas. E finalmente o mundo feminino que está entre estes dois opostos.

Maria Teresa Monteiro

Evasão e Aventura:

Por Maria Dilora Alves

Uma Viagem

Eram cerca de oito e meia. Nessa manhã pluviosa de 20 de Março todos parecíamos sorrir ao futuro próximo dessa semana já há muito sonhada por todos nós.

Partimos! Estava iniciada a nossa viagem, a nossa busca de novos horizontes e em todos os olhares havia o brilho de uma natural satisfação.

O nosso almoço teve lugar em S. Pedro do Sul, e apesar da chuva que caía miudinha, não se deixou de saborear o usual farnel. Seguimos com rumo a Salamanca e uma paisagem árida, com o solo partilhado de pedregulhos deparou-se-nos, de tal maneira que o nosso olhar se foi habituando a essa monotonia; a pouco e pouco fomos identificando com essa terra espanhola. Já de noite, surpreendemos Salamanca com todo o nosso alvoroço e nessa primeira noite fomos conhecer um pouco desta cidade; não deixamos de visitar uma discoteca onde jovens dançavam e se divertiam por meio de luzes psicadélicas. No dia seguinte seguimos viagem com vista a concretizar o nosso objectivo principal: — Madrid. Num ambiente próprio de passeio, com risadas e anedotas tentamos encurtar um pouco o longo percurso que nos esperava. Nesta ida para Madrid lugares simplesmente bonitos, ficaram gravados na nossa memória. O Vale dos Caídos com

toda a sua sumptuosidade expressa em pedra não deixou de maravilhar-nos, assim como o Escorial. A Serra dos Gredos, com toda a sua beleza natural, rodeada de neve, com uma tal beleza que até suscita as lágrimas a uma alma sensível, fez com que nos sentíssemos pequenos perante tanta grandiosidade.

Madrid apareceu-nos então, não como uma simples névoa como até aí em sonho, mas já como uma realidade.

Todos os olhares cheios de curiosidade se viravam e reviravam para não deixar fugir nenhum pormenor interessante. Não deixamos de visitar e apreciar toda a magnificência do tão afamado museu do Prado. O típico flamengo com toda a sua vivacidade, também não deixou de ser vivido por nós. Um mundo de diversões: boites, parques, casas típicas, visitas a museus foram bastante apreciados por todos nós. Claro que também não deixaram de surgir complicações próprias de passeios que facilmente foram solucionadas. Enfim, apesar da grande liberdade que os srs. professores deram, manifestando em nós grande confiança, nada de anormal surgiu.

No regresso, já não havia no olhar, aquele brilho tão característico em dias anteriores; havia sim já um misto de saudade por aqueles que nos esperavam.



MODA MASCULINA

As mulheres têm sido durante muito tempo vítimas da troça dos homens pelo seu extremo cuidado com o vestuário e principalmente com o penteado; porém, se esses mesmos homens olhassem para trás, como por exemplo para o séc. XVII, e vissem o cuidado que os seus sucestrais tinham com o vestuário e principalmente com o penteado, talvez não rissem tanto das pobres mulheres que não pensam noutra coisa (segundo eles).

No princípio do séc. XVII os homens usavam um colarinho rígido, levantado para trás que os obrigava a usar o cabelo curto. Com o desaparecer desse colarinho desapareceu também a necessidade de usarem cabelos curtos e eis os homens a deixar crescer o cabelo.

Tal qual como as mulheres, passaram a usar vários penteados. Uns, deixavam o cabelo solto, despenteado e em madeixas, outros usavam-no em caracóis, que do lado direito caíam até às orelhas e que do esquerdo chegavam até ao ombro. Neste último lado o cabelo formava umas vezes um só caracol largo, outras atava-se muito simplesmente e outras ainda formava uma trança.

A certa altura passaram a usar-se entrançados no cabelo, laços de cores vivas e pequenas jóias, que adquiriam verdadeira importância quando oferecidas como prova de amor por uma dama.

A mudança de penteado requeria forçosamente outro chapéu em substituição do chapéu pequeno, pontegudo e alto que se usava até aí. E assim aparece um

chapéu de feltro, grande, meio mole, de abas largas e com uma grande pluma. Este chapéu tinha a particularidade de mostrar o estado de espírito de quem o usava conforme vinha mais ou menos inclinado.

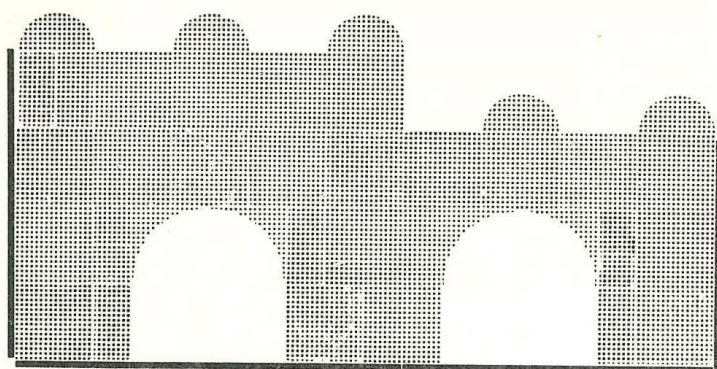
A partir de 1630 a moda torna-se universal e assim desaparecem as particularidades nacionais e uma moda única dita implacavelmente as suas leis. E muito antes do fim do séc. XVII a boa sociedade de todos os países renuncia a qualquer impulso individual e uniformiza-se entusiasmada, pela moda francesa.

Mas não acaba aqui o cuidado no vestir dos cavalheiros do séc. XVII. Quantas e quantas vezes não riem os homens das mulheres por estas gostarem tanto de cabeleiras postiças! Pois até nisso os seus antepassados pecaram.

Quando começou a perder cabelo, Luís XVII passou a usar cabeleira postiça dando origem ao uso geral desta na corte. Nos primeiros tempos a cabeleira usava-se lisa em cima e com caracóis dos lados. Os jovens porém preferiam-nas frisadas, curtas e lisas. A cor predilecta era o louro pois segundo a opinião geral dava aos cavalheiros um ar de leões.

As perucas de cabelo humano eram caríssimas e por consequência passaram a usar-se perucas de pelo de cabra ou de cavalo.

Bem, e será que os homens podem falar muito sobre as «ridículas» manias das mulheres? Pelos vistos aqui há uns tempos atrás se os homens não eram piores do que as mulheres, melhores também não eram.



POR
ROSA AUGUSTA



CASTELO RODRIGO

No cimo da colina ergue-se um antigo e rústico castelo à volta do qual, pobre, solitária, unida e deserta se ergue uma pequena aldeola, antigo cenário de constantes e renhidas lutas entre Portugueses e Espanhóis.

Integrada numa paisagem puramente agreste e sem que algo possa perturbar a sua tranquilidade, ela pode, na companhia dos seus, gabar-se de um passado exausto e histórico que todos desconhecem, mas que ela orgulhosamente ostenta nas altas muralhas do seu velho castelo em ruínas, ponto de encontro entre a mais fina nobreza do Portugal de outros tempos.

Os pequenos casebres rústicos, talhados em pedra tosca, as ruas tortuosas e esburacadas, os pequenos fontenários, a pequena capela e o castelo de tão antigas tradições, são sem dúvida motivos de vaidade e prova real de uma cultura e de um povo típicos, que ali continuam como que ignorando o resto do mundo. Berço de heróis, afastada dos meios que a levariam a um progresso

actual, ela antes quer continuar, solitária e esquecida, a ser a mesma de há muitos anos atrás, vivendo à custa de um passado vitorioso, do que uma das elegantes e prósperas do séc. xx.

Inimiga número um da emigração, que aos poucos lhe foi levando todos os seus, fazendo cair os campos num abandono completo, ela, que outrora fora tão activa, é agora um deserto de rochedos e rústicas habitações, perdida entre a imensidão e monotonia das altas montanhas que parecem querer engoli-la e das quais ela nem sequer se distingue. Quando, de longe, se olha o cimo do monte, ninguém suspeita que por entre aquele conjunto de rochedos e pedregulhos há uma pequenina aldeia que luta desesperadamente contra o esquecimento e o tempo que impiedoso lhe varre as faces, esforçando-se por manter bem viva na mente dos que a visitam todo um passado histórico do qual ela já não é senão uma pequena reminiscência.

A propósito de...

Por VÍTOR MANUEL SILVA

Visita do Orfeon Académico de Coimbra

Mais uma vez, Barcelos e a sua gente deram provas da boa hospitalidade ao receber os componentes do Orfeon Académico de Coimbra que viriam participar nas Comemorações do II Aniversário do Coral de Barcelos.

Fundado no ano de 1880 por João Arroyo, o Orfeon Académico de Coimbra é o mais antigo organismo cultural e um dos primeiros grupos corais portugueses.

Por ele passaram nomes famosos, desde o Dr. Raposo Marques ao Professor Joal Canhão que é o actual regente e elemento positivo que tem vindo a empreender no Orfeon uma obra a todos os títulos louvável.

O Orfeon Académico de Coimbra representa toda uma maneira de ser e uma vida tipicamente estudantil «à boa maneira de Coimbra» que hoje praticamente desapareceu e que o Orfeon mantém como baluarte de uma tradição e de tudo aquilo a que poderemos chamar praxe.

Contudo, é preciso que saibamos distinguir a praxe da política para que, muitas vezes, não se apregoem aos sete ventos coisas mais ou menos desagradáveis para o prestígio de um organismo.

O Orfeon Académico de Coimbra é, em suma, o representante oficial da Universidade de Coimbra.

Fomos receber os estudantes de Coimbra ao Largo da Porta Nova onde se encontravam centenas de pessoas das mais variadas classes sociais, mas onde predominava, como é lógico, a classe estudantil. Só foi

pena todo aquele aspecto, e permitam-me o termo, de romaria que lhe foi dado — foguetes, Zés Pereiras e Gaiteiros, lembrando até as Festas das Cruzes. Pelo contrário, bem poderia ter sido uma simples chegada formal, sem quaisquer acompanhamentos daquele género.

Os estudantes percorreram depois a Rua D. António Barroso, em direcção aos Paços do Concelho onde os aguardavam as altas personalidades civis, militares e religiosas da cidade e muitos estudantes. Presente também o Coral de Barcelos que sob a regência do Sr. Padre Zé Fernandes interpretou alguns números do seu repertório.

À noite, no Teatro Gil Vicente, e com a casa a abarrotar de gente realizou-se o Sarau de Arte que atingiu bom nível e que culminou com a tradicional Serenata.

Não poderia acabar esta reportagem sem destacar o nome do sempre Coimbrão Dr. Vasco de Faria, ilustre Presidente da Câmara que reviveu com a estadia da embaixada da Lusa Atenas na nossa cidade velhos tempos de estudante, e de praxista.

— Artigo da Revista «Muralha» publicado no «Correio Diese»

Criticaram a nossa revista por não dar uma ideia exacta do valor dos alunos do Liceu de Barcelos, visto ser feita, na sua maioria, por professores e, portanto revelar uma cultura falseada.

Ora isto não é verdade e a prová-lo está a transcrição de um artigo de Eva

Maria M. Miranda que tem por título «ALARME?» no *Correio Diese* — órgão de divulgação e cultura, vida, saúde e nutrição com sede em Lisboa.

Diz a determinada altura o articulista do *Correio Diese* que a revista nos dá uma ideia bastante nítida das ansiedades e preocupações da juventude que frequenta o Liceu de Barcelos, e quão consolador é verificar que os jovens se interessam por problemas concretos que pela sua natureza mais parecem de adultos e de técnicos, o problema da Poluição, por exemplo.

Sem fazer uma crítica Eva Maria M. Miranda traduz em linguagem ingénua e prática uma dolorosa realidade que afecta todo o mundo.

Sobre o mesmo tema «POLUIÇÃO» o chefe de redacção Rodrigo Campos, tece algumas considerações que apesar de serem discutidas por muitos, não lhe negam em nada o valor positivo do artigo.

Pois, Poluição é tema e parece-me que ainda há-de ser por mais alguns anos.

Festas das Cruzes

Mais uma vez se realizaram nos princípios de Maio, as tradicionais Festas das Cruzes. O campo da feira, por alguns dias, serviu de parque de divertimentos e exposições e a cidade preparou-se para receber milhares de forasteiros.

Acabaram-se de calcetar ruas, deram-se os últimos retoques naquilo que no ano passado se deixou por fazer, arrumou-se o lixo, enfim procurou-se ocultar tudo aquilo que podia destoar e chamar à atenção de alguém.

Olhamos para os programas e vemos sempre a mesma coisa, os mesmos títulos, as mesmas organizações. Vemos sinceramente que nada de especial existe que possa atrair o grande público e que de ano para ano as Festas das Cruzes perdem interesse e animação. (Este ano até se esqueceram dos Zés Pereiras e das Bandas de Música!).

Um dos programas que atingiu êxito retumbante este ano foi a Batalha de Flores que já não se fazia à alguns anos e que por isso despertou grande entusiasmo. Foi organizada pela Comissão Municipal de Juven-

tude e Desportos que igualmente patrocinou o Dia Desportivo da Juventude Barcelense que englobou Jogos de Andebol, Basquetebol e Voleibol entre os principais estabelecimentos de ensino da Cidade.

Cremos, sinceramente, que se de futuro não forem criados mais centros de interesse cairemos numa monotomia total que acabará por transformar dentro de alguns anos, as Festas das Cruzes numa simples festa em família.

Mas riem-se quando um dia alguém falou numa feira industrial!

Venda de Revistas

A revista «Muralha» do Liceu Nacional de Barcelos dedica-se a todo um público em geral, mas muito especialmente à camada estudantil.

Escusado será dizer que o êxito da nossa revista depende quase na totalidade dos estudantes, e por isso todos, todos aqueles que possuam ou queiram talvez adquirir um mínimo de cultura devem interessar-se na compra da revista.

No primeiro número a campanha de vendas foi bem sucedida e praticamente não houve qualquer prejuízo.

No segundo número a venda de revistas decresceu um pouco, e se não fosse o subsídio de 2 500\$00 do já falecido Governador Civil do Distrito, teríamos um prejuízo considerável.

Queremos aproveitar a oportunidade para, fazer um apelo a todos aqueles que se quiserem tornar nossos assinantes, o favor de se dirigirem ao Liceu de Barcelos ou a qualquer membro da administração da revista, pois existem cupões de inscrição de assinantes. Lembrem-se que ajudando a revista «Muralha» estão a contribuir para o progresso cultural da própria cidade de Barcelos.

Apelo idêntico fazemos a todos os industriais e comerciantes barcelenses no que diz respeito aos cupões de inscrição de anunciantes. As páginas da revista estão à vossa espera.

1.º Aniversário

Foi precisamente há um ano que dois estudantes do Liceu Nacional de Barcelos irromperam da multidão e dirigindo-se ao actual Ministro da Educação Nacional, Dr. Veiga Simão, lhe fizeram dois pedidos. Um, seria a concessão de um subsídio para um passeio e o outro a concessão de um subsídio para a elaboração de uma revista que alguns alunos pensavam publicar.

A ideia nasceu e foi logo bem acolhida por parte de todos, merecendo especial atenção o Dr. Ângelo Aires, Vice-Reitor do Liceu e o Dr. Lino de Miranda, editor da nossa revista, bem como todos os membros que constituem a redacção e a administração.

Surgiu e cresceu. As críticas foram unânimes em a aceitar como bastante positiva, ultrapassando tudo aquilo que era de esperar.

E hoje é com prazer que verificamos que a nossa ideia foi copiada e aproveitada por outros estabelecimentos de ensino, nomeadamente o Liceu Nacional Sá de Miranda, que publicou recentemente uma revista com a mesma configuração da nossa, embora noutro espírito.

Um livro para o Liceu

Muito recentemente o Dr. Armando Saraiva, professor do Liceu Nacional, serviu-se das colunas do «Jornal de Barcelos» para fazer um apelo a todos aqueles que possuíssem livros e os quisessem oferecer à biblioteca do Liceu, contribuindo para maior enriquecimento bibliográfico da mesma e servindo de consulta para alunos e professores.

Mais tarde e numa reunião dos rotários barcelenses para a qual o Dr. Saraiva foi especialmente convidado, aproveitou a oportunidade para focar o mesmo assunto, e mais, logo ficou decidido que no próximo dia 10 de Junho se promovesse a campanha «um livro para o liceu», que percorrerá todas as casas de Barcelos.

Sem dúvida que esta ideia é a todos os títulos louvável e vem mostrar, mais

uma vez a personalidade e o carácter de uma pessoa que tem feito tudo o que pode em prol do liceu e até da própria cidade.

Criaram-se laboratórios de física e de química, mas sob o ponto de vista literário nada ou quase nada se fez. Na verdade a biblioteca do liceu de Barcelos é bastante fraca para poder abastecer em qualidade e em quantidade os alunos.

Os livros poderemos dizer que são tão necessários aos alunos como o pão ao homem. Ora, não dispondo nós de livros especializados em determinadas matérias que estudamos concertiza que não podemos dar o rendimento necessário.

Resolvemos, por isso, entrevistar o Dr. Armando Saraiva que nos expôs as linhas gerais dessa campanha e objectivo em vista.

— *Como surgiu a ideia de promover esta campanha?*

— A ideia de promover uma campanha visando a angariação de livros para a Biblioteca surgiu do meu conhecimento pessoal referente ao recheio bibliográfico que existe neste meio. E não só. Sabendo que são minguadas as verbas destinadas ao apetrechamento das bibliotecas liceais, chego à triste conclusão de que serão necessários muitos anos antes que a nossa biblioteca atinja um número de volumes razoável.

A partir desta constatação, surgiu-me a ideia da campanha.

— *Concretamente, quais são os objectivos em vista?*

— Os objectivos resumem-se exactamente em angariar livros. Quaisquer que eles sejam. Para isso tenho utilizado as colunas de um jornal local — «Jornal de Barcelos» — e através dele tenho feito vários apelos ao bairrismo barcelense.

— *Tem sido bem acolhido por parte do público este apelo?*

— A aceitação da minha companhia entre o público barcelense ultrapassou todas as perspectivas. Confesso que ao iniciar os meus apelos fui advertido por pessoa amiga que qualquer esforço para angariar livros para o liceu seria baldado.

A gente de Barcelos não corresponderia.

O que é certo é que têm correspondido e bem. Foi o Prof. Valdemar Araújo quem começou a empurrar a bola de neve, ao oferecer alguns volumes da Coleção da R. T. P. Depois foram os rotários de Barcelos que além de alguns volumes oferecidos e outros prometidos, sugeriram a criação de um *Dia do Livro*. Mais concretamente: no próximo dia 10 de Junho grupos de rapazes e raparigas do liceu irão percorrer todas as ruas da cidade e pedir a todas as casas um, pelo menos, um livro para o liceu.

Registaram-se ainda ofertas do Sr. Padre Alberto Rocha e Fernando Pequito que enviaram livros de sua autoria. Últimamente chegaram-nos mais três volumes preciosos: *Raças do Império*, de Mendes Correia; *Geografia Humana*, de Amorim Girão e *História da Revolução Francesa*, de Mathiez, oferta de João Maria Gomes de Carvalho.

Por sua vez o dr. Elvino Santos Silva, antigo professor liceal doou algumas centenas de livros de natureza didáctica. Outras promessas pairam no ar de tal modo que se pensa mandar fazer uma nova estante na sala da biblioteca.

— *Contribuirá isto para um maior enriquecimento bibliotecário da região?*

— Não me parece nem tal é necessário. Eu explico melhor. Quem normalmente oferece livros para o liceu são pessoas de Barcelos ou ligadas a Barcelos. Portanto, os livros só mudam de área mas não de região. Poderá acontecer que algum leitor de fora nos ofereça qualquer *espécimen* raro. Nessa altura a pergunta torna-se pertinente.

Agora, o que se me afigura mais útil, nesta campanha, é que se poderá dar vida a muitas bibliotecas que em certos casos já não têm leitores interessados, quer por-

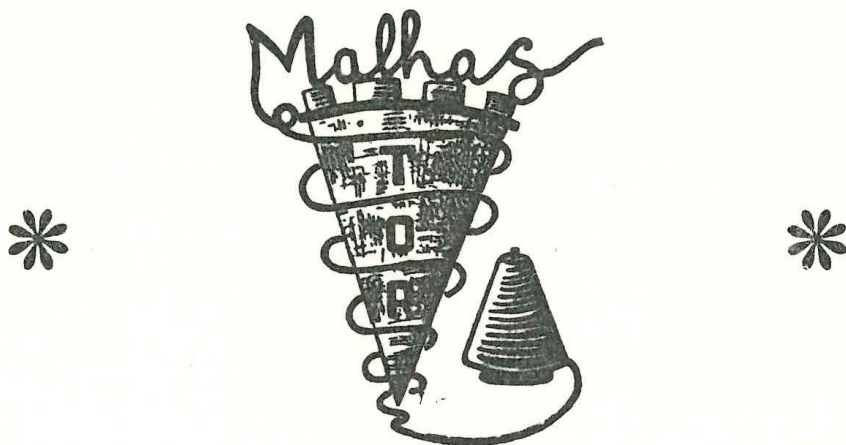
que os seus compradores tenham morrido, quer porque os seus herdeiros não estão interessados na leitura de determinadas matérias.

Ora, numa biblioteca de liceu, qualquer obra, de religião, de filosofia, de física, matemática ou literatura, será sempre uma obra potencialmente útil pois acaba sempre por ser lida. A estas bibliotecas frequentemente utilizadas chamo eu bibliotecas vivas pois que realizam permanentemente os objectivos para que foram criadas. Caso contrário não passam de meros objectos de *estimação*.

Para além deste aspecto de verificação dos livros, torna-se imperioso destacar a necessidade de um liceu como o de Barcelos estar dotado de bibliografia variada. E digo Barcelos mais que Braga ou Coimbra pois que nestes centros existem bibliotecas universitárias ou municipais que qualquer aluno pode consultar. Em terras como a de Barcelos nada ou quase nada existe. E sem dúvida que os alunos desta cidade têm as mesmas exigências intelectuais que os outros alunos dos grandes centros urbanos. Daí que a sua biblioteca deva ser melhor que as demais. E não me refiro só aos alunos. Também os professores para melhor prepararem as aulas, prelecções ou artigos necessitam de fazer frequentes consultas. Se os liceus estivessem bem apetrechados em livros, escusavam de ter de consultar bibliotecas distantes.

Todos estes problemas me impressionaram à campanha em curso que espero seja bem sucedida.

— Concerteza que todos esperamos que esta campanha seja bem sucedida e que num futuro mais ou menos próximo, os alunos do liceu disponham de uma biblioteca em condições para os poder servir nas suas exigências intelectuais.



TORRES & C.^a L.^{da}

Fabricantes e
exportadores
de malhas interiores
e exteriores

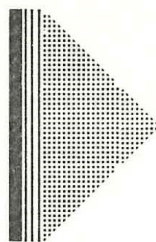


para Homem,
Senhora e
Criança, em algodão,
nylon e seda

FÁBRICA DE MALHAS
TOR

Lugar de Santa Marta
BARCELOS

BOM DIA!



Por ROSA AUGUSTA

Manhã. No pinhal as aves assobiam melodiosas canções, saudando assim o dia que vai começar.

O sol brilhante e fraco irrompe vitorioso por entre o denso pinhal, penetrando através da larga janela do meu quarto, indo espelhar-se no enorme espelho de parede que reflecte todos os seus raios em direcção ao leito iluminando-me o rosto parecendo afagá-lo carinhosamente, ao mesmo tempo que sorrindo parece querer dizer:

— Bom dia.

Em toda a casa reina o mais profundo silêncio. Cá fora reina, porém, uma grande azáfama entre os animais, que muito madrugadores se preparam para enfrentar um novo dia.

Os galos, galinhas, patos, perus, etc., juntamente com as avezinhas, o sol e, sim, também a «fifi» e o «red» procuram dar-me os bons dias através da sua própria linguagem. Todos eles parecem estar a chamar-me para fora, pois que um novo dia é começado.

É ao som de toda esta algazarra que vou abrindo lentamente os olhos ao mesmo tempo que procuro reconhecer, através desses ruídos, os meus habituais amiguinhos tão animados e alegres como habitualmente.

E é ainda meio estremunhada que dando dois saltos da cama e meia dúzia de esticões me dirijo para a janela aberta e depois de alguns momentos de atenta observação, sorrio e murmuro baixinho:

— Bom dia, amigos.

SARAH BERNHARDT

Por MANUELA ARANTES (4.º ano)

Uma das mais sensacionais atrizes que a França teve até agora foi de certeza Sarah Bernhardt.

Nascida em Paris em 1844, filha ilegítima de uma judia e de um estudante francês, Sarah, durante os seus primeiros 8 anos foi criada por uma ama de leite. Vivendo num edifício escuro e arruinado, sem amigos e com pouco alimento, tornou-se uma criança débil e melancólica.

Aos 8 anos foi viver com a mãe, que a mandou para um convento católico. Saiu daí aos 15, pois a sua educação tinha sido dada por terminada e era altura de escolher uma profissão. Embora a princípio dissesse que queria ir para freira, mudou de ideias e acabou por ingressar no Conservatório.

Em 1862, graças à influência do duque de Morny entrou para a *Comédie Française*. Não obstante todos depositarem grandes esperanças nela, na noite da sua estreia recitou o seu papel como um papagaio.

A crítica desqualificou-a impiedosamente e o único que continuou a confiar no seu talento foi Alexandre Dumas.

Tendo tido aborrecimentos na *Comédie* deixou-a, e só lá voltou passados 10 anos.

Entretanto continuou a representar em teatros populares comédias ligeiras. Como não eram o seu género, nunca teve êxito

e estava à beira de um colapso nervoso quando Alexandre Dumas veio em seu auxílio aconselhando-a a ir para o estrangeiro e dando-lhe várias cartas de recomendação.

Sarah seguiu este conselho e foi para a Bélgica. Alcançou apreciável êxito em Bruxelas, devido talvez ao escândalo que deu com o Príncipe Henri de Linge, do qual teve um filho.

Regressando a toda a pressa a Paris, recebe uma proposta para se apresentar no *Odéon*, teatro oficial pouco abaixo da *Comédie Française*. Aí, teve o seu 1.º êxito com «KEAU» de Alexandre Dumas. A partir dessa altura nunca mais fracassou e em 1869 era uma das atrizes mais populares do *Odéon*. Sempre que o seu nome estava nos cartazes do teatro, a lotação esgotava-se.

Em Julho de 1870 estalou a guerra franco-alemã, na qual Sarah se portou valorosamente, tratando dos feridos e improvisando um hospital no *Odéon*. Quando cerrou as portas, pouco antes da queda de Paris, tinha tratado 150 pessoas.

Depois da guerra, recomeça a sua carreira no *Odéon*, tornando-se uma estrela de 1.ª grandeza. Como não podia deixar de ser, reingressa na *Comédie* onde está durante sete anos gozando êxito sobre êxito.

Entretanto começa a ter problemas na companhia, pois esta impõe-lhe demasiadas restrições, e assim quando em Londres, o empresário Edward Jarrett lhe propõe uma tournée pelos E. U. ela aceita. Deixa a companhia e parte para o novo mundo, onde com a sua impressionante magreza, majestade, vivacidade, excentricidade e sobretudo com a sua voz e a maneira maravilhosa como representa faz furor. Sarah Bernhardt torna-se então a coqueluche da América. Tudo e todos falam nela e dela.

Esta tournée deixa-lhe o vício das viagens e assim, visita vários países da América do Sul, a Austrália e toda a Europa incluindo a Rússia.

Foi precisamente na Rússia que conheceu o homem com quem viria a casar-se, Jacques Damala, um grego. Onze anos mais novo que Sarah não foi aquilo a que se pode chamar o marido ideal e o casamento foi um fracasso.

Depois de se separar de Damala comprou o *Théâtre de la Renaissance*, mudando-lhe o nome para *Théâtre Sarah Bernhardt*.

Em 1915 amputam-lhe uma perna mas isso não a impede de continuar a representar com o génio de sempre.

Embora tivesse uma saúde precária, levou sempre uma vida exuberante e dedicava-se ao trabalho até à exaustão. Assim, só deixa a cena em 1922, quando recolhe ao leito de morte.

Mesmo na cama ensaiou até ao fim uma peça de Sacha Guitry que tencionava representar «UN SUJET DE ROMAN».

Os seus maiores êxitos foram sem dúvida «A DAMA DAS CAMÉLIAS», «O REI LEOR», «PASSANT», «JEAN MARIE» e «RUY BLAS».

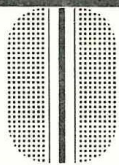
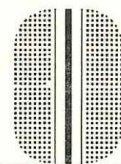
Interpretou Alexandre Dumas Filho, Racine, Shakespeare, Vitor Hugo, Párodí, etc.

FÁBRICA DE MALHAS

Francisco Isolino Amaral Arantes

► **TEZI**

Variações sobre



um velho tema

Por MARIA DA PIEDADE

7.º ano

«A vida é um ai que mal soa, é como o fumo que se esvai»... não sei o que me prendeu nesta frase e me levou a reflectir alguns momentos nela. Talvez a razão fosse a conformidade que se estabeleceu entre mim e o poeta, sobre o que é a vida!

O que é a vida?... quantas pessoas têm talvez feito esta mesma pergunta, como eu agora! No entanto se eu perguntasse a cada uma delas, talvez ficassem indecisas sobre que resposta me dar. A razão disto é o ser uma coisa demasiado simples, ou antes, familiar, pois a vida não está só em nós, mas em tudo que nos rodeia. Por exemplo Santo Agostinho quando lhe perguntavam «o que era o tempo», acontecia-lhe isto mesmo e, ele então lamentava-se «se não me perguntam o que é, sei; se me perguntam o que é, não sei».

Em diferentes níveis encontramos tentativas de definição para esta pergunta «o que é a vida».

Ao nível de um espírito científico, caracteristicamente positivo, minucioso e crítico «A vida é uma estrutura de elementos físico-químicos em equilíbrio com o meio».

Mas busquemos agora a resposta de um espírito filosófico, que procura interpretar e não descrever, pois, não é desconhecido de qualquer filósofo os elementos subjectivos ou psicológicos que se jogam com os factores periféricos, e ele então dirá «A vida é o desejo insaciável de mais vida, uma fome de imortalidade. Como

vemos esta resposta do filósofo excede já as possibilidades de investigação científica, porque não é experienciável, mas exemplifica um tipo de reflexão que se torna necessário no domínio dos valores, ou seja, na reflexão sobre a liberdade, justiça, dignidade, etc., que dão sentido à acção... enfim à vida.

Actualmente, «O que é a vida?» Não poderia deixar de o perguntar.

A sociedade de hoje, demasiado ocupada com problemas de ordem técnica, está esquecida dos valores; talvez seja esta a razão porque os jovens se sentem mal, e se refugiam na droga, que os transporta para um mundo irreal, mas onde os valores reinam. Eles estão errados, servindo do subterfúgio que é a droga, mas, serão eles apenas os culpados?

A juventude de hoje, tantas vezes incompreendida, apenas... por que pede justiça, amor, paz, liberdade mas... a uma sociedade mecanizada que não a pode, portanto, compreender.

No entanto os jovens continuam a clamar esses valores, porque são conscientes, que eles ajudaram a uma melhor compreensão da vida; não a perfeita compreensão por que a vida é e continuará a ser uma incógnita. Mas como o nosso poeta João de Deus disse «A vida é um ai que mal soa...», o mesmo seria dizer, «nós não somos senhores do tempo», saibamos, portanto, aprender a viver. Mas... a viver realmente!

BALADA

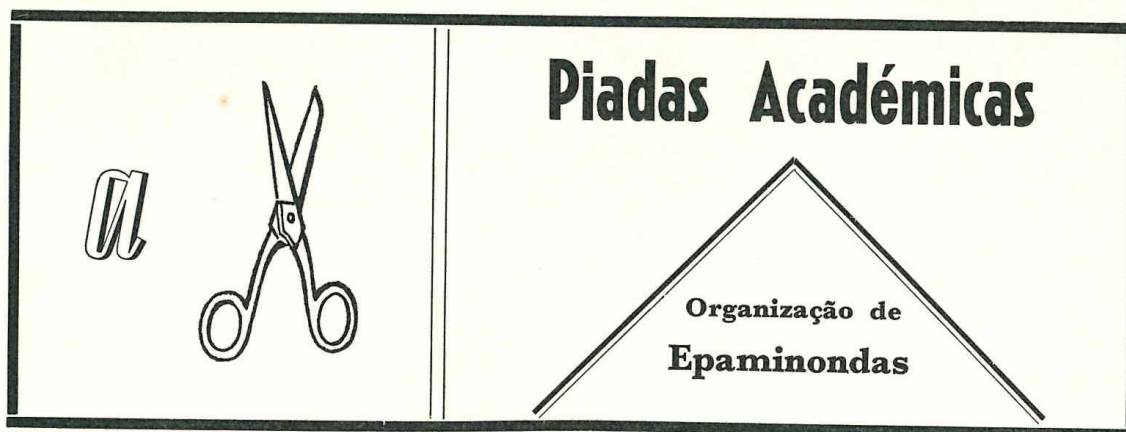
Por CUNHA — 6.º ano

Pertence-te este palácio de altas paredes fortes, onde se desenham traços perpendiculares formados por pedras gigantes sobrepostas à custa de dorsos chicoteados onde tu te isolas vivendo o teu tesouro de mil moedas d'ouro reluzindo a luz forte, que, curiosamente, espreita lívida pela frecha esquecida na escuridão da parede.

Pertencem-te horizontes de planícies onde o vento bate nas árvores, fazendo um rugir de fúria e poder, ao mesmo tempo que a chuva, caindo raivosamente, lava o sangue de corpos raquíticos jazendo por entre a relva, carbonizados pelo calor, de onde feridas abertas se sobressaem num misto de espuma de carne humana e suor ácido, brotado com o esforço que dispendiam com o fim de te fazer rei.

Pertence-te tudo isto e aquilo mais que tudo isto te dá: o asqueroso nojo de ti próprio, embebido numa inveja dilacerante, que te assalta quando olhas pela janela da tua prisão, a indolência daquele luar calmo, esbatendo-se numa leitosa luz sobre as águas adormecidas do oceano, embaladas pelo seu respirar profundo de uma efervescência de espuma ondulante criada no embater das reduzidas ondas na costa.

Pertencem-te as tuas próprias lágrimas escaldantes cortando-te a face, que brotas quando lanças o teu olhar de medo naquele harmonioso planar de uma gaivota, que, de vez em quando, compassadamente, suavemente, bate as longas asas brancas falando com o vento, que, levemente, a sopra no seu esboçar de alvura.



Trânsito & Companhia L.^{da}

Há muito que Barcelos se debate com o tráfego que se faz sentir às quintas-feiras, principalmente na área da ponte. O pior, sim, o pior é que os mais sacrificados somos nós, alunos do liceu.

Os veículos ocupam completamente a única faixa de rodagem (transformada em duas), enchendo a ponte de um espesso nevoeiro. Mas enfim, com isso já nós estávamos habituados. Punhamos as máscaras anti-gás, espremiamo-nos contra as grades e consolávamo-nos com a ideia de que só à quinta-feira tínhamos 50% de probabilidades de ser atropelados, 10% de sermos esmagados contra as grades e 39% de cairmos ao rio. Mas isso era o menos! O pior é que agora nem sequer a delgada faixa de passeio nos foi concedida! Fomos substituídos! Substituídos, por gordos e anafados bovinos.

Quem vier a Barcelos há-de pensar que são as vacas que vão para o liceu e nós é que vamos ser vendidos para a feira! Só falta substituírem as placas das extremidades da ponte e que dizem «peões» por outras dizendo «bois».

+ Ginástica —

Têm havido várias controvérsias acerca da prática da ginástica no liceu. Há quem diga que há ginástica a mais, outros que

há ginástica a menos. Entretanto, foi aumentado o tempo de educação física para quatro horas semanais, o que nos permitiu ter uma vez por semana, um treino de voleibol com os professores, treino esse que não deu muitos frutos se considerarmos a derrota catastrófica com os professores da escola técnica.

Quanto a atletismo progredimos bastante, sobretudo nas provas de corta-mato que tiveram um incremento formidável no liceu de Barcelos, sendo, sem dúvida, um professor, o pioneiro deste desenvolvimento.

Aproveitando o bom tempo das férias da Páscoa, apesar de «doente» pensou «oh pernas para que vos quero» e fez uma prova de corta-mato por espaço indeterminado.

Regalias...

Finalmente preocupam-se com o liceu!? Sim, agora temos novas regalias, novos equipamentos. Não, não para o laboratório, mas para o topo das escadas das «meninas» e dos «professores». Eis a lista do manancial de equipamentos, exclusivamente «made in Portugal:» — a visão directa para o exterior (este equipamento tem a vantagem de eliminar a refacção do vidro); arrefecimento por água, arrefecimento por ar; iluminação directa do sol e evacuação de cheiros.

Além de todas estas regalias ainda temos uma outra — a prática da ginástica. Se não acreditam, observem. Nos dias de chuva,

quando chegamos ao liceu, fechamos o guarda-chuva para o abrirmos pouco depois nas escadas, fechá-los no primeiro andar e, para os supersticiosos, abri-los e fechá-los, novamente, três vezes. E porque não criar também, no liceu, os desportos náuticos: natação, caça submarina, motonáutica, vela, pesca, esqui, etc. Lá condições temos nós...

P. T. (*Post tesouradum*) Se quando sair esta tesourada o tempo estiver seco, peço desculpa a todos, que melhor a compreenderão quando voltar a chover.

Quem sabe?

Qual é coisa,
Qual é ela,
Que nunca tem folhas quadriculadas
Quando temos pontos de Física ou Ma-
[temática
Nem pautadas
Quando temos os restantes?

(Bufete)

MÓVEIS

Magalhães & Senra

Móveis de estilo, Colchões, Alcatifas, etc.

Secção de vendas e aquisição:

Campo 5 de Outubro — Telef. 82889

BARCELOS

Oficinas:

MERECES — BARCELINHOS

BARCELOS

O problema dos transportes públicos sempre atormentou as populações, mormente aquelas que se situam a alguns bons quilómetros dos centros citadinos.

É chocante e deplorável verem-se, todos os dias, centenas de crianças das mais variadas idades a dirigir-se para os centros escolares da urbe, muitas vezes, tendo percorrido já longas distâncias. E porquê tudo isto? Não existem empresas de camionagem que assegurem o transporte dos estudantes?

Convém aqui referir que as mesmas empresas não dispõem de horários que satisfaçam os alunos. Ora porque as camionetas chegam muito cedo; ora muito tarde. Não há, em resumo, horários compatíveis.

Um ano, após a criação do Liceu em Barcelos, o problema dos transportes públicos para os estudantes do ensino liceal e técnico foi parcialmente resolvido, já que os alunos moradores na cidade e alguns das freguesias mais próximas, dispunham de meio de transporte, embora nem sempre muito eficiente, que os levasse e trouxesse

ao seu estabelecimento de ensino. Mas, não sei porquê nem porque não, o que era quase bom acabou-se e os estudantes barcelenses ficaram privados desse privilégio.

Já experimentaram vir a pé, num dia de inverno, da estação para o liceu? Experimentem e verão o resultado.

Quando chove é triste e chocante ver muitos rapazes e raparigas que não tiveram a sorte de nascer no seio de uma família com um chauffer à disposição, carregados de livros, guarda-chuva na mão, a passar a histórica ponte de Barcelos, dirigindo-se ao liceu onde chegam completamente encharcados.

E já que estou a falar em carências da nossa população estudantil, lembro às entidades oficiais que não se esqueçam de pensar, enquanto é tempo, em construir um novo edifício do liceu para que não aconteça como aos colegas de outro estabelecimento de ensino, terem que receber as suas aulas no velho matadouro municipal e em que condições!

Vitor Manuel Silva

BARCELOS • RAINHA DO CÁVADO



O GALO DE BARCELOS

CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS
COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO